

GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario: Alfredo Fertin de Vasconcellos
REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10\$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12\$000.

Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

Instituto Nacional de Musica

(Continuado do n.º 16)

Museu.— No relatorio do anno passado fallei em ser preciso augmentar o nosso pauperrimo museu, e para isso lembrei o auxilio que nos podia ser dado pelo Museu Nacional, possuidor de uma boa collecção de instrumentos que aqui podiam ser aproveitados para estudo dos alumnos e que alli se acham deslocados no meio de collecções bem mais valiosas e mais procuradas pelos visitantes daquelle museu.

O museu de instrumentos de musica é o mais poderoso elemento ao estudo da historia da musica para o qual não bastam as illustrações dos livros da materia. Nos conservatorios europeus existem collecções magnificas que fornecem bom material de estudo e observação aos que se dedicam á cultura deste ramo da bellas-artes, e o Conservatorio de Pariz não poupa sacrificios para o augmento das suas collecções, já hoje importantissimas e que se augmentam todos os dias por doações e por acquisições feitas pelo estado.

Aos poucos poderemos obter, com pequeno sacrificio, instrumentos antigos e formar delles uma collecção interessante, mas desde já devemos tratar particularmente da nossa collecção indigena, podendo juntar exemplares magnificos, e não deixando que vão elles para o estrangeiro, não os possuindo nós, o que seria vergonhoso e a prova da nossa indiferença e ineptia.

De novo volto a pedir a intervenção do Sr. Ministro a este respeito,— que muito espero da boa vontade e do interesse do illustrado director do

nosso Museu Nacional— assim como mais uma vez lembro o quanto seria conveniente pedir aos Governadores dos diversos Estados para que auxiliassem o nosso modesto museu, especialmente com instrumentos africanos e indigenas, podendo assim formar-se neste Instituto uma boa collecção, necessaria ao estudo da historia musical das diversas tribus e dos habitantes primitivos deste paiz.

Julgando ter-vos fallado das reformas de mais urgente necessidade, e pedindo para todos os assumptos de que me occupo a vossa esclarecida opinião, eu passo a informar-vos do movimento desta repartição no correr de anno de 1891.

Movimento de alumnos.— No anno escolar de 1891 foram admittidos 278 alumnos, representando 473 matriculas, o que é muito lisongeiro para este Instituto, por isso que se nota um augmento sobre o anno passado de 35 alumnos e de 135 matriculas.

Desses alumnos eram 82 do sexo masculino e 196 do sexo feminino ; nacionaes 265, estrangeiros 13 ; paisanos 257, militares 21.

Dos paisanos oito pertenciam ao Asylo de Meninos Desvalidos.

Dos nacionaes eram : 166 da Capital Federal, 51 do Estado do Rio, 8 de S. Paulo, 6 do Rio Grande do Sul, 3 de Minas Geraes, 4 da Bahia, 5 de Santa Catharina, 1 de Matto Grosso, 12 de Pernambuco, 1 do Maranhão, 1 do Espirito Santo, 1 da Parahyba do Norte, 1 do Pará, 1 do Paraná, 1 de Sergipe e 3 do Ceará.

Dos estrangeiros eram : 4 portuguezes, 3 argentinos, 2 italianos, 1 chileno, 1 hespanhol, 1 inglez e 1 allemão.

As 473 matriculas eram divididas da seguinte fórma :

Theoria elementar, 80 ; solfejo individual, (1ª época) 12 ; solfejo individual, (2ª época) 11 ; canto-choral, (1ª época) 69 ; canto-choral, (2ª época) 37 ; canto-choral, (curso superior) 95 ; canto a solo, 19 ; Harmonia, 11 ; harpa, 6 ; teclado, 8 ; piano, 67 ; violino, 23 ; violoncello, 8 ; contrabaixo, 4 ; flauta, 4 ; oboe, 2 ; clarinete, 7 ; fagotte, 1 ; clarim, 1 ; cornetim, 5 ; trompa, 1 ; trombone 2 : total, 473.

Perderam o anno 57 alumnos, sendo :

Por doença, 5 ; por morte, 5 ; por falta de assiduidade, 25 ; por não comparecerem a exames, 22 : total, 57.

Fizeram exame annual de aproveitamento 206 alumnos, representando 268 matriculas e a classificação, nos diversos cursos foi a seguinte :

CLASSIFICAÇÃO	Theoria elemental	Solfejo individual		Canto choral		Canto a solo	Harmonia	Harpa	Teclado	Piano	Violino	Violoncello	Contrabaxo	Flauta	Oboe	Clarinete	Clarin	Cornetim	Thrombone	TOTAL
		1ª Epoca	2ª Epoca	1ª Epoca	2ª Epoca															
Louvor.....	5	2	4	1	2	3	14
Distincção.....	18	3	3	21	8	3	3	1	14	5	3	..	1	1	1	1	..	2	1	90
Plenamente.....	17	1	4	17	7	6	..	2	17	9	1	..	1	1	84
Simplemente.....	13	1	7	4	3	2	1	16	1	1	..	1	51
Insuficiente.....	9	2	4	2	1	7	1	1	27
Inhabilitação.....	1	1	2
Somma.....	63	9	7	54	22	11	5	3	36	16	4	1	3	2	5	1	2	2	2	268

Deixaram de prestar exames 15 alumnos, sendo: por doença, 10; por serviço publico, 2; por motivo justificado, 3: total, 15.

Comportamento.— A maneira respeitosa, cortez, com que se houveram os alumnos deste Instituto durante o periodo escolar, merece particular menção, e folgo em annunciar-vos que de todos os professores recebi as melhores informações sobre a attenção, respeito e moralidade de todos os seus discipulos.

As relações entre professores e alumnos foram as mais cordeaes e provaram mais uma vez a boa manutenção da disciplina por parte dos professores e a comprehensão dos deveres por parte nos alumnos.

Corpo docente.— Por portaria de 29 de Setembro de 1891 obteve licença por quatro mezes, sem vencimentos, para tratar de seus negocios na Europa, o professor do curso de violino, Enrico La Rosa, o qual entrou no gozo d'essa licença em 13 de Outubro seguinte.

Por Decreto de 16 de Dezembro do mesmo anno foi aposentado, de accordo com o art. 75 da Constituição, o professor de contrabaixo deste estabelecimento José Martini, sendo nomeado por portaria da mesma data para substituil-o o contrabaixista Ricardo Roveda.

O velho professor Martini merece especial menção neste relatorio. Servindo no extincto Conservatorio desde Fevereiro de 1855, foram sempre notorios a sua boa vontade e empenho em trabalhar pelo desenvolvimento deste estabelecimento de ensino. Durante o tempo da existencia deste Instituto o professor Martini não teve uma unica falta á sua classe, merecendo sempre na sua vida de professor elogios sinceros de todos os directores pela sua assiduidade e pela dedicação á sua classe e á sua arte.

Em tempo opportuno entendi-me com o vosso antecessor relativamente aos professores contractados e em virtude das razões que então

expendi foi nomeado por portaria de 2 de Janeiro deste anno o professor Louis Gilland e renovado o contracto do professor Emile Lamberg.

Tendo reconhecido a desvantagem que adviria ao ensino da renovação do contracto do adjunto de canto, o Sr. Enrico Borgongino, deixei de propol-a ao vosso antecessor.

Devo consignar neste relatorio o empenho que todos os professores actualmente em exercicio mostraram para me auxiliarem na minha penosa tarefa e só tenho a elogiar todos estes meus companheiros de trabalho pela disciplina que souberam manter nas suas classes e pelo interesse que mostraram pelo ensino.

Bibliotheca e Archivo.— Em consequencia das obras a que se procede no edificio deste Instituto, fui obrigado a mandar sustar todo o trabalho de catalogação e arrecadar, convenientemente embrulhados, todos os trabalhos musicaes e litterarios que formam a nossa Bibliotheca e Archivo; e, assim, só no proximo anno poderei dar a sua relação completa; devendo dizer-vos que tem sido elles consideravelmente augmentados pelas compras que tenho feito e por doações que tenho recebido.

Doações.— Para o desenvolvimento do archivo e bibliotheca deste Instituto concorreram no anno de 1891 com doações os Srs.: Alberto Nepomuceno, 8 volumes dos *Psalmos de Marcello*, edições de 1724-26; Francisco Alfredo Bevilacqua, 1 livro sobre litteratura musical; Antonio Carlos de Andrada, 2 tratados de harmonia; João Rodrigues Côrtes, 2 obras musicaes de valor; Miguel Cardoso, 8 volumes de tratados musicaes antigos; Leopoldo Miguéz, 1 symphonia original completa para orchestra, 66 volumes de obras de litteratura musical raras, 2 volumes de litteratura moderna 1 partitura da *Stabat Mater de Pergolesi*, edição primitiva e 1 exemplar de uma aria arabe.

Pessoal Administrativo.— Por portaria de 17 de Novembro foi concedida ao amanuense Gastão Jeolás licença por um mez, com ordenado, na fórmula da lei, para tratar de sua saude, sendo prorogada esta licença, em cujo gozo entrou em 26 do mesmo mez, por dous mezes, por portaria de 24 de Dezembro seguinte.

Em 2 de Junho entrou no gozo da licença que lhe foi concedida por dous mezes, por portaria de 4 de Maio, para tratar da sua saude, a inspectora de alumnas America Caldas, licença que foi prorogada por mais dous mezes em 3 de Agosto seguinte.

Por portaria de 30 de Abril foi concedida licença por um mez, para tratar da sua saude, ao economo deste Instituto Francisco Maria Mafra, que entrou no gozo da referida licença a 1 de Maio.

De todo o pessoal administrativo recebi as mais extremadas provas de dedicação e amizade e folgo em levar ao vosso conhecimento o seu proceder correctissimo, e de assegurar-vos que se mostraram empenhados em bem cumprir com os seus deveres de empregados assiduos e zelosos, devendo notar-vos muito especialmente o interesse extraordinario que pelo desenvolvimento e progresso deste Instituto sempre demonstrou o incansavel secretario, o Sr. Eduardo de Borja Reis.

Eis, Senhor Ministro, o que me occorre dizer-vos sobre as necessidades e occurrencias d'este estabelecimento que tenho a honra de dirigir, e espero todo o vosso empenho e valimento para que alcancemos do Poder Legislativo leis especiaes para a realização das medidas que apresento como essenciaes ao engrandecimento da arte musical do nosso paiz e á regularidade e bom andamento do ensino.

Saude e fraternidade. — Capital Federal, 29 de Fevereiro de 1892.

LEOPOLDO MIGUÈZ.

❖

A musica e seus representantes

PALESTRA SOBRE A MUSICA

(Continuação)

— No entanto os autores que acaba de citar foram, na sua maior parte contemporaneos de Beethoven, de Schubert e de Weber.

— E absorveram mesmo em seu proveito a attenção do publico. Os trabalhos de Beethoven para piano, á excepção de duas ou tres sonatas que tiveram alguma popularidade durante a sua vida, só depois d'elle morto se tornaram o objecto do culto discreto de alguns fanaticos do mestre. As obras de piano de Schubert eram então completamente ignoradas. Unicamente alguns trechos para piano de Weber passavam pela expressão seria da musica do tempo. Muito pelo contrario, nós vemos Hummel, Field e Moschèles brilhar como meteoros. Se HUMMEL não fosse o cauzador de algumas banalidades e se não tivesse a paixão exagerada do *cunho* teria podido collocar-se entre os *verdadeiros* compositores; trabalhos como a sonata em *fa* sustenido menor, a fantasia em *mi* bemol maior, o *septimimo*, o concerto em *la* menor, e sobretudo o concerto em *si* dão-lhe direito a um logar na *platea dos reis*, no tempo da arte. — Depois d'elle, FIELD creou, embora em

um quadro muito restricto, pequenas peças notaveis, que exerceram alguma influencia, especialmente os seus *Nocturnos*.

MOSCHELÉS merece tambem que se falle d'elle; o seu concerto em *sol* menor será sempre um bello trabalho. Conservando-se escolastico, foi o primeiro que imaginou, para substituir as variações em moda, a *Fantasia sobre temas de operas* e enthronizou assim entre os pianistas a execução dramatica e theatral.

Mas de repente surgem tres novos personagens, e ainda desta vez ao mesmo tempo; são THALBERG LISZT E HENSELT.

Estes dão ao piano um caracter completamente novo substituindo o ruido confuso das escalas pelo acompanhamento de harpejos (Thalberg), pelo caracter orchestral (Liszt), pela polyphonia e a harmonia largamente aproveitada (Henselt). Thalberg e Liszt acabaram com a variação sobre um só thema e introduziram a *Fantasia* sobre muitos temas de opera, não mais com a simplicidade de MOSCHELÉS, mas com uma riqueza de virtuosidade até então desconhecida; foram até fazer ouvir dois temas ao mesmo tempo. — Liszt e Henselt dão ao *Estudo* um caracter esthetico, fazendo-o sahir da sua esphera pedagogica para o elevar á esphera artistica; crearam uma especie do que em pintura se acha *um estudo*; estes compositores deram a cada estudo um titulo, por exemplo: *Mazepa* ou *Tempestade, não poderás vencer-me*, etc., etc.¹

Emfim, os nossos tres compositores entregam-se á transcrição para piano de trabalhos orchestraes e romances e encontram rythmos de dansas de uma *bravura* concertante absolutamente extraordinaria. Em uma palavra, imaginam para o piano a epoca da virtuosidade transcendente.

— E que influencia pôde ter tido essa virtuosidade sobre a marcha da arte musical?

— A virtuosidade sempre teve influencia sobre a composição. Póde-se dizer de alguma forma que a composição recebe o seu impulso da virtuosidade e que por seu turmo reage contra ella. Depois, a virtuosidade influiu sempre sobre a fabricação e o aperfeiçoamento dos instrumentos. Por exemplo, quando Beethoven na sonata op. 110, no principio do adagio, indica que se deve ferir tal nota vinte e oito

¹ Os *Estudos característicos* de Moschelés pertencem tambem a esta epoca. Chopin tambem escreveu os seus *Estudos* sem titulo e sem programma, mas nem por isso elle deixou de escrever um mundo psychico: assim os *Estudos* em *mi* maior, em *mi* bemol menor, em *dó* sustenido menor, em *si* bemol menor e em *dó* menor. Não confundo as *Estudos* destes dois ultimos compositores com os dos *virtuosos* que citei, porque encontro n'elles as mais serias qualidades artisticas.

vezes, é uma advertencia feita pelo *virtuose* aos fabricantes de pianos para que descubram o meio de prolongar o som d'este instrumento.

— E porque razão os criticos são ordinariamente contra os *virtuoses* e os tratam com desdem?

— Revoltam-se contra aquelles para quem a virtuosidade é um fim e não um meio. Eu sou um tanto contra esta distincção idéal, porque admitto todas as virtuosidades, todas as originalidades, seja qual for a fórma porque se manifestem; ellas teem sobre a arte uma influencia real, é verdade que indirectamente. Assim, as obras de Paganini para violino, os trabalhos de Servais para violoncello e os de Thalberg para piano não teem é certo um grande valor artistico, mas os tres imprimiram uma vida nova aos instrumentos de sua especialidade. Os *virtuoses* modernos, não ousando produzirem-se nos proprios trabalhos e não executando senão produções de outrem, não podem mostrar de quanto são capazes. E' esta a razão da decadencia da virtuosidade porque só nos proprios trabalhos se póde correr á redea solta. O *desboccar* do *virtuose* é um poderoso estimulante na arte; é de certo muito louvavel o conter-se dentro dos limites já indicados, mas não é isso o que atrai com os artistas para frente. — Outr'ora, o *virtuose*, pela suas exigencias, obrigava o fabricante de instrumentos ao aperfeiçoamento continuo; agora, são os fabricantes que, por toda os formas de invenções, procuram estimular o executante. Actualmente nós temos muitos pianistas excellentes, mas *virtuoses* dando á arte da execução um impulso verdadeiro só posso citar, nestes ultimos tempos, Tausig no piano, Wieniawski no violino, Davidoff no violoncello Mme. e Viardot-Garcia no canto.

— A esse respeito, sua um pouco da sou opinião. Acho tambem que hoje se obriga quasi o *virtuose* a renunciar á sua individualidade, o que dá em resultado uma correcção musical que de futuro se pode tornar fastidiosa.

— Agora o que lhe vou dizer é provavel que a faça pular de admiração; mas acho que com a morte de Schumann e de Chopin foi-se a musica: *fines musicæ*.

— Ah! ah! ah! Graceja com certeza?

— Não, fallo muito a serio e dizendo isto tenho em vista a criação, a melodia o pensamento musical. Não resta duvida que agora escrevem-se muitas cousas interessantes, mesmo cousas de valor, mas a respeito de bello, de grande, de magestoso, de profundo nada se

faz. E isto nota-se principalmente na musica instrumental, que para mim continúa a ser a verdadeira pedra toque.

— E' como justifica essa opinião ?

— Com o facto de actualmente o colorido valer mais do que o desenho, a technica mais do que o pensamento, a moldura mais do que o quadro.

— Exijo uma explicação mais clara.

— Tres nomes apparecem como representando a era nova da musica, a quarta epocha da arte musical: *Berlioz*, *Wagner* e *Liszt*.

O mais interessante entre elles, em razão da data do ser apparecimento (1830, pouco mais ou menos), e tambem porque se não tornou um *innovador*, mas porque se revelou como tal desde o inicio da sua carreira, é BERLIOZ. Elle soube descobrir para a orchestra cores novas e não ficou preso ás formas tradicionaes, Ligando uma grande importancia á observação justa do texto (a declamação), á onomatopêa (a musica de programma) introduziu o realismo na musica: assim elle exprime o *Tuba mirum* no seu *Requiem* com o auxilio de uma multidão de metaes dispostos em differentes cantos da sala ou da egreja; põe na instrumentação dos seus trechos accordes inteiros escriptos para oito pares de timbales accordes para contrabaixos *divisi*, tons de flageolets nos instrumentos de cordas etc., etc... Mas debalde se procura n'elle verdadeiros pensamentos musicaes, melodia, formas bellas, harmonia rica (a este respeito é até de uma grande fraqueza). N'elle é tudo rutilante, de grande effeito, interessante, intelligente, mas tudo deixa a desejar em qello, em grande, em profundo, em magestoso. Tratem de executar os seus trabalhos ao piano ¹, mesmo a quatro mãos, tirem-lhe o colorido da instrumentação e não ficará cousa alguma; mas executem a nona symphonia de Beethoven, mesmo a duas mãos, e ficareis maravilhado da magestade do pensamento e da emoção que d'ella se desprendem. Faço todavia uma excepção para um trabalho de Berlioz, o seu *Carnaval de Roma*. Essa obra é admiravel, mesmo sob o ponto de vista da ideia.

ANTONIO RUBINSTEIN.

(Continúa.)

¹ A execução ao piano é, na minha opinião o melhor meio de julgar do valor musical in rinseco de um trabalho orchestral, de uma opera ou de um oratorio, E' como a photographia de um quadro,

Opinião injusta

(Continuado do n.º 15)

Nós pedimos, por exemplo, que o governo ou a intendencia auxiliassem a Congregação Musical, que está incumbida de educar o gosto do publico com boas execuções musicaes; e se ella obtivesse esse auxilio nós exigiríamos que nos dêsse concertos de uma certa importancia, que tivesse um regente que entendesse do seu *metier*, que fizesse o numero de ensaios necessarios para a boa execução de trechos importantes e teriamos, em summa, umas certas exigencias que não temos tido, e que então julgariamos de primeira necessidade porque se tratava do levantamento do gosto do publico.

Não é, porém, ao que parece, da nossa opinião o director da Congregação e critico do *Paiç*.

Desde que se não trate de concertos populares — pelo que se deprehende do seu artigo de 22 de Outubro — não deve qualquer execução musical ser auxiliada, *por isso que só no concerto popular se educa o gosto do publico!*

Já é vontade de inventar argumentação!

Infelizmente os factos provam o contrario do que avança o Sr. Oscar Guanabario.

Não se póde apontar como exemplo de terra educada musicalmente a Inglaterra, apesar do espectacular dos seus concertos e do fabuloso dispendio annual com as companhias lyricas, tanto mais quanto não produziu n'estes ultimos tempos cousa alguma importante, e continua a vender nos seus conservatorios a quem os pagar bem os titulos de bacharel em musica.

Não podemos apresentar como exemplo de povo educado no bello musical — pelo menos na sua generalidade — o povo de Londres onde commummente se tem feito concertos populares com cinco e seis mil executantes, e os habitantes de Birmingham, onde ainda não ha muito tempo se fizeram collossaes concertos populares, rendendo um d'elles 18.000 libras esterlinas!

Na França nós temos exemplo do contrario. Vemos uma certa tendencia musical no povo pariziense, que incontestavelmente tem o seu sentimento esthetico proprio — mais ou menos apurado —, que tem ouvido muito e lido muito sobre musica, e no entanto os concertos populares d'alli precisam de ser subvencionados pelo estado e as tenta-

tivas particulares tem abortado todas, mesmo as mais serias e afamadas, ao contrario do que se dá na Inglaterra onde tudo é feito por iniciativa particular.

Não basta o exemplo de Valentim, citado no relatorio do director do Instituto de Musica ; ha mais valioso e frizante do que esse.

Quando Berlioz estava no *galarin* e que a critica indigena e estrangeira o applaudia e o apedrejava, imaginou o grande revolucionario da musica fazer concertos populares na capital da França e parecia-lhe que n'essa occasião, em que se achava agitada a opinião publica, deviam esses concertos obter franco applauso e dar bons resultados pecuniarios. Pois bem, em pouco tempo Berlioz teve de se deixar de concertos populares porque os populares não iam aos concertos !

O que havemos de concluir ? Que o publico pariziense não tem intuição artistica ? Que não são necessarios os concertos populares ?

Não, todos os concertos dão resultado ; e se os concertos populares são a aula primaria do ensinamento musical do publico, os concertos serios, como os que o Instituto quer e póde fazer serão a sua escola superior. Depois, é preciso notar bem que é tão importante o ensinamento do publico que só póde frequentar os concertos populares e que só está á altura da musica alli executada, como é poderoso o ensinamento das classes superiores que podem frequentar os grandes concertos e que, pela sua educação litteraria, mais facilmente se podem habilitar a comprehendel-os. Mas estes concertos serios não podem ser arranjados ás pressas como os nossos concertos populares. Precisam muito cuidado na confecção dos seus programmas, precisam grande numero de ensaios, exigem despesas que de prompto não serão talvez cobertas pelas entradas vendidas, e para isto é preciso não só competencia profissional, mas ainda um fundo de reserva que os ponha a coberto de eventualidades.

São estes concertos serios os que deve e quer fazer o Instituto, e o governo deve auxiliar a tentativa porque só n'aquelle estabelecimento podem ser feitos, e não resta duvida QUE É PELO SCONCERTOS, POPULARES OU NÃO, QUE SE CONSEGUE A EDUCAÇÃO DO PUBLICO.

Ainda hoje em Pariz se subvencionam com 30.000 francos os concertos Colonne e Lamoureux, e seriam sem duvida subvencionados os concertos do Conservatorio se estes precisassem do auxilio que dispensam perfeitamente porque em sessenta e quatro annos de existencia se tem sabido impor e tem mostrado a sua importancia.

Não é difficil na nossa terra que em dois ou tres annos possa o Instituto dispensar qualquer auxilio official para fazer os seus concertos,

mas para inicial-os deve o director pedir a protecção do governo, e este não tem — já o dissemos — o direito de recuzar-se a esse pedido.

Depois, o director do Instituto pediu apenas garantia para a despeza a fazer, e não dinheiro para realizar os concertos, o que é muito differente, e o que está sendo affirmado sem razão de ser pelo director da Congregação Musical.

De toda a imprensa fluminense ainda nenhum órgão se bateu mais denodadamente pelo *Theatro Nacional* do que o *Paiç*, esquecendo que assim o governo ia ficar duplamente empresario e entrar em concorrência com as companhias existentes que arrastam uma vida de difficuldades.

Porque pois ha de ter esse jornal duas maneiras de ver, uma para representações dramaticas e outra para concertos?

Por ventura os nossos escriptores nacionaes já viram os seus trabalhos recuzados pelas empresas particulares e precisam do *Theatro Nacional* para se apresentarem?

Por ventura os nossos compositores não precisam dos concertos do Instituto para apresentarem os seus trabalhos recusados pelos empresarios de concertos particulares?

São duas perguntas que podem ser respondidas por toda a gente que tenha bom senso.

A este proposito occorre-nos um reparo interessante.

Nos concertos da Congregação nós tivemos muita musica de autores estrangeiros, e a respeito de composições nacionaes poucas figuraram nos programmas executados.

Além da symphonia do *Guarany*, que se impunha pela competencia do seu autor, pela renda certa que traria aos cofres sociaes, quaes foram as outras composições brazileiras executadas? Duas ou tres, ao que nos lembra.

Porque não appareceram nos programmas Miguéz, Levy, Oswald, Nepomaceno, Antonio Carlos, Gomes de Araujo e outros? Não o sabemos.

Para commemorar o anniversario do chefe do estado foi incumbida ao Instituto, representado pelo seu director, a organização de um concerto symphonico.

Pois bem, toda a musica do programma era de brazileiros, desde os dois hymnos nacionaes até ás peças para instrumentos de arco.

Não será muito frisante esta comparação?

De que lado está o patriotismo? De quem podem esperar os escriptores nacionaes?

Este é um dos pontos importantes da questão.

Respondemos hoje apenas ao ponto que se refere á educação do publico pelos concertos populares ou não populares, e nos parece que todos os povos se podem educar quando d'isso são susceptiveis, qualquer que seja o meio adoptado para essa educação.

Provámos que o nome de concertos populares é um simples rotulo de importancia secundaria e que os concertos precisam, para que se considerem educadores do gosto do publico, ser cuidadosamente organisados, perfeitamente ensaiados e não estarem á mercê do favor publico.

Provámos que para os compositores nacionaes ha tudo a esperar do patriotismo do director do Instituto, que acima de musico é brasileiro.

Provámos que não tem razão de ser a campanha levantada pelos Srs. Guanabario e Cernicchiaro contra o Instituto e contra a *Gazeta Musical*, porque o Instituto trabalha sem descanso pelo alevantamento da musica brasileira e porque nós só temos tido attenções e deferencias para a Congregação, agora contra nós sublevada por uma falsa noção de solidariedade com os seus chefes ¹.

E no artigo seguinte havemos de provar ao Sr. Guanabario que não tem razão de ser a sua opinião da orchestra do Instituto dever ser formada apenas de professores e alumnos, o que ainda se não conseguiu em Pariz e Bruxellas, apezar d'aquellas instituições terem: a primeira um seculo de existencia, a segunda perto de sessenta annos.

Esta phase nova de guerra entre artistas por interesses pecuniarios, esta questão levantada contra o Instituto por acharem que os seus concertos subvencionados podem prejudicar a receita dos concertos particulares, está completamente fóra dos nossos habitos, apresenta um lado vergonhoso que nós condemnamos nos estrangeiros, vem mostrar que — nada mais podendo importar — importámos já essa pequenez de character que prejudica o desinteresse e a grandeza de coração que eram characteristics do brasileiro.

E' triste que para este terreno fossem arrastados os nossos artistas, tanto mais quando assim fica provada a superioridade do Instituto e declarado o receio do perigoso competidor.

(Continúa).

¹ A Congregação musical tem tido em nós na imprensa o mais interessado dos defensores, e a nossa boa vontade para com os nossos amigos e patricios que constituem a sua orchestra já foi a ponto de criticarmos amistosamente um concerto que nem mereceu a critica do director da associação. Podemos, pois, fallar desassombadamente a seu respeito, tanto mais que, quando a ella nos referimos n'esta discussão tratamos apenas do seu director e do regente, unicos responsaveis pelo que censuramos.

Esta nota, que vem como incidente no meio d'este artigo, motivou-a a noticia que nos trouxeram de que os professores de orchestra da Congregação nos julgam seus desaffectedos, quando temos provado o contrario,

Noticias do Rio e Estados

GRUPO DE SANTA CECILIA

No dia 3 de outubro, à 1 hora da tarde, realisou-se no salão do Cassino a *matinée* d'esta sociedade em que tomavam parte o maestro Mancinelli e a sua orchestra e diversos professores e artistas de nomeada.

Da primeira parte do programma faziam parte a protophonia de *Fingal* de Mendelssohn, perfeitamente executada pela orchestra; um romance do *Tannhauser* de Wagner correctamente cantado pelo barytono Camera; uma aria do *Rigoletto*, de Verdi, cantada pela Sra. Sthele a quem o publico fez uma demonstração de apreço pela bôa execução que deu a esse trecho; o *adagio appassionato* e *rondó gracioso*, de Leonard, executado perfeitamente pela artistinha—prodigio Giulieta Dionesi; e a fechar esta parte do programma tivemos o *quarto concerto* para pianno e orchestra, de Rubinstein, em que ouvimos o distincto pianista Arthur Napoleão.

Arthur Napoleão é sempre o correcto pianista que todos nós temos applaudido; como em todas as vezes que o temos ouvido, executou primorosamente este *concerto*, tendo ainda para mais auxiliado-o e dar maior realce á sua execução magistral o correcto acompanhamento da orchestra disciplinada e á altura dos meritos do estimado *virtuose*.

Os nossos sinceros applausos a Arthur Napoleão e á orchestra que tanto o auxiliou.

Abrindo a segunda parte tivemos duas peças de Berlioz, ambas da *Dammation de Faust*: a *Marche hongroise*, regularmente tocada, e a *Valse des sylphes* á qual a orchestra deu a maior delicadeza na execução, o que o auditorio soube reconhecer applaudindo phreneticamente. Seguiu-se a *Célèbre Sérénade*, de Haydn, que foi bastante applaudida tambem e tivemos depois o *bolero* das *Vesperas sicilianas*, de Verdi, cantado pela querida do publico, a Sra. Gabbi, que teve assim pretexto de receber uma ovação mais.

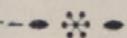
O concerto fechou com chave de ouro, e pode-se dizer que as duas peças finaes, *Rouet d'Omphale*, e *Segunda Rapsodia*, de Liszt, foram o *clou* d'esta festa que por muito tempo mas deixará gratas recordações.

A orchestra portou-se briosamente sob a batuta de Mancinelli e nós lamentávamos na ocasião a falta de regentes que tanto prejudica as nossas orchestras onde ha professores de primeira ordem, capazes

das mais complicadas e difficéis execuções. O Sr. Cernichiaro, regente da Congregação Musical bem podia ver n'aquelle exemplo o quanto se pode conseguir de uma orchestra pela competencia do director e verificar que sob as suas ordens tem tido artistas de muita competencia cujos meritos desaparecem atrophados pela nefasta influencia da ba-
luta que devia deixar em repouso.

Um bravo entusiastico a Mancinelli, pela execução primorosa das duas peças com que fechou o concerto do dia 3o, e á sua orchestra, que tão bem sabe acompanhar o seu regente e dar-lhe nome, ganhando-o tambem.

Se dissermos que no Cassino se tinha reunido o que de mais fino encerra a sociedade fluminense e se notarmos a elegancia e riqueza das *toilettes* das senhoras, teremos dito tudo quanto nos é permittido pelo pequeno espaço de que dispomos, e terminamos enviando á directoria do Grupo de Santa Cecilia os nossos parabens por esta brilhante festa cujo programma foi um dos melhores deste anno.



Retrospecto musical do anno de 1891

(Continuação)

Na musica de camara houve poucas producções e o quartetto de arcos apresenta-se bastante modesto: temos um de Ottokar Novacek (Leipzig); em *Do menor*, de Dreseke (Dresda, Quartetto Roppoldi); em *Mi bemol maior*, de G. Haenschel (Londres, *Musical Guild*); em *Fa maior*, de M. J. Erb (Strasburgo, n'um concerto do autor). De J. Brahms houve um Quintetto novo, em *Sol maior* (N. 2) que fez o seu giro pelos salões de concertos (Londres, *Monday-Popular* concerto, Francoforte, Leipzig, Gewandhaus, Colonia, duas vezes pelos quartettos Heckmann, Hollaender, Stuttgart, Hamburgo Quartetto Marwege, Munich, S. Petersburgo Quartetto Auer, Amsterdam, Praga), e o seu quintetto mais moderno, em *Si menor*, com clarinete, teve sua primeira execução em Meinnigen, de onde seguiu para Berlim (Quartetto Joachim, 12 de Dezembro). De Haus Koessle appareceu um unico quintetto para arcos, em Berlim (Quartetto-Kruse). Ainda mais modesta é a lista dos quintettos com piano (e instrumentos de arco): temos de J. Rheinberger (Colonia, Saráo-Heckmann), e Sgambati (Londres com o

autor), em *Mi menor*, de Sinding (Francoforte s. M.), e em *Sol menor*, de E. Behin (Berlim, concerto dado pelo autor). Quartettos com piano houve um de Jadassohn em *La menor* (Leipzig, concerto do Gewandhaus) sendo a parte do piano executada por Reinecke, e Gabriel Fauré (Londres, *Monday-Popular-concert*) Trios com piano (rabeça e violoncello): em *Re menor* (em manuscrito) de Fritz Vollbach (Berlim), em *Re menor* em manuscrito), de Carl v. Kaskel (Dresda), em *Fa sustenido menor*, de Erb (Strassburgo); um de Reinhold Hermann (Berlim, concerto do autor), e um com clarinete e violoncello, em *La menor*, de Brahms (Meiningen, Berlim, com o concurso do autor). Sonatos para piano e rabeça appareceram tres unicas novas: em *Mi menor*, de F. Bosoni (Leipzig, Gewandhaus pelo compositor Helsingfors), em *Fa maior*, de W Berger (Berlim, pelo autor e Joachim) e uma de A Wertkeuthien (concerto do autor); com violoncello apresentou-se uma unica: em *Do, menor* de Emanuel Moor (Londres, *Popular-concert*).

(Continua.)

Noticias do estrangeiro

ALFREDO KEIL

O talentoso autor da D. Branca tem quasi concluida a sua nova opera, *Irène*. Consta que será cantada em um dos theatros da Italia.

A este respeito *O Amphion* faz as seguintes considerações:

«E' para lamentar que não sejamos nós, os portuguezes, os primeiros a admirar e applaudir a nova opera de Alfredo Keil, porem esse facto affigura-se-nos um justo castigo á provada incuria e falta de protecção que manifestamos por tudo quanto é nosso.

E' por isso que, longe de censurarmos, louvamos até a idéa do autor da *Irène*.»

O nosso estimado collega lisbonense tem muita razão nas suas considerações, mas que quer.....ninguem é propheta na sua terra e lá como cá.....

PAPELARIA CARVALHAES

55, Rua dos Ourives, 55

Grande sortimento de objectos de escriptorio Lindas collecções de chromos.

CARVALHAES & C., RIO DE JANEIRO**FREDERICO GUIGON****PIANOS**Vende, concerta, aluga e afina
9, Rua dos Ourives, 9**M. N. MOREIRA PARANHOS****PIANOS**Vende, aluga, concerta e afina
Rua 7 de Setembro, 155**CAMISARIA ESPECIAL****53, RUA DO OUVIDOR, 53****ALVARO BRAGA****A. LEBRETON & C.**Casa especial em concertos de pianos
Afina, vende, troca e aluga
77, Rua do Rosario, 77**FREDERICO DO NASCIMENTO**

Professor de violoncello e harmonia

Recados: rua da Quitanda, 42

A CASA MILLIETTendo augmentado consideravelmente o seu
sortimento de todos os artigos de**OURIVESARIA, CHRISTOFLE, CRYSTAES E
PORCELLANAS FRANCEZAS**está habilitada a fazer grandes fornecimentos,
tanto para particulares como para hotéis, botequins
collegios, etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS SEM COMPETENCIA

As vendas por grosso dos *Talheres de Christofle*
têm desconto especial.

19, RUA DOS OURIVES, 19

PORTA TUNNEL

IGNACIO PORTO-ALEGRE

PROFESSOR DE CANTO

46, Rua Marquez de Olinda, 46**CASA AMERICANA**Armazem de moveis americanos, francezes,
austriacos e allemães

ARTIGOS DE FANTASIA, USO DOMESTICO E LAVOURA

B. M. de Carrazedo Junior

40, Rua da Quitanda, 40

PIANOS E MUSICAS**FERTIN DE VASCONCELLOS & MORAND, RUA DA QUITANDA, 42
RIO DE JANEIRO****A. M. AFFONSO PIRES**

AFINADOR E CONCERTADOR DE PIANOS

Recados: rua do Rosario, 77

A ESTACAO
18 cada numero

JORNAL DE MODAS PARISIENSES
DEDICADO AS SENHORAS BRASILEIRAS

CORTES UM ANNO 18\$

PROVINCIAS UM ANNO 20\$

MODAS, VESTUARIOS PARA SENHORAS E CRIANCAS, TRABALHOS DE AGULHA ETC.

BELLAS ARTES, LITTERATURA, REVISTAS DO MUNDO ELEGANTE, NOÇES DE ECONOMIA DOMESTICA

18 cada numero

14º Anno

14º Anno

Editores Proprietarios
LOMBAERTS & CIA
7 RUA DOS OURIVES 7
RIO DE JANEIRO

PIANOS

DE

PLEYEL, H. HERZ, GAVEAU, BORD, ETC., ETC.

Unico deposito dos

PIANOS BLÜTHNER**GRANDE SORTIMENTO**

DE

MUSICAS

DE

TODOS OS EDITORES

BUSCHMANN & GUIMARAES

52, RUA DOS OURIVES, 52